

A Influência da Autoestima na Prevenção da Violência Doméstica

Cleidiane N. Cotrim e Jéssica G. da Maia

Margareth Regina G. V. de Faria

Universidade Evangélica de Goiás – UniEvangélica

Nota dos Autores

Cleidiane N. Cotrim, discente do Curso de Psicologia, Universidade Evangélica de Goiás – UniEvangélica; Jéssica G. da Maia, discente do Curso de Psicologia, Universidade Evangélica de Goiás – UniEvangélica; Margareth Regina G. V. de Faria, docente do Curso de Psicologia, Universidade Evangélica de Goiás – UniEvangélica.

Todas as autoras contribuíram igualmente para conclusão do estudo.

Correspondências referente ao artigo devem ser enviadas para o Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEvangélica. E-mail: cleidianenc@gmail.com ou jessigomesmaia@hotmail.com

Resumo

O presente artigo pretende abordar como a influência da autoestima pode colaborar na prevenção de relacionamentos abusivos e casos de violência doméstica, analisar quais são os níveis de autoestima de mulheres que sofreram algum tipo de violência no decorrer da vida, investigar os efeitos da autoestima na prevenção da violência doméstica e compreender quais fatores levam as mulheres a continuarem em um relacionamento abusivo. Diante dos objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa de revisão sistemática tendo como base sete artigos referentes ao tema sugerido, nos quais todos apresentaram uma pesquisa com participantes que convivem ou conviveram com algum tipo de situação de violência doméstica no decorrer da vida. Dessa forma, com os resultados do estudo, foi possível perceber que a autoestima tem ligação direta com casos de violência doméstica, pois de acordo com todos os textos avaliados, a maioria das mulheres que sofreram com algum tipo de violência doméstica se mostraram com a autoestima baixa, além de uma dependência emocional e financeira de seus parceiros, o que em muitos dos casos colaborava para a permanência dessas mulheres nos relacionamentos.

Palavras-chave: autoestima, relacionamentos abusivos, violência doméstica

A Influência da Autoestima na Prevenção da Violência Doméstica

No Brasil, a cada minuto uma mulher é violentada por uma pessoa da qual mantém um vínculo afetivo e as causas destes atos de violência são variados, como, por exemplo: sexo, idade, cor, etnia, religião, cultura, etc. O que sugere que várias pessoas podem estar sujeitas a sofrerem algum tipo de violência em qualquer momento de suas vidas (Labronici, Ferraz, Trigueiro & Fegadoli, 2010). Por esta razão, cada vez mais a saúde pública do Brasil tem se preocupado sobre o fenômeno social da violência contra a mulher, visto que ele não afeta somente a vítima, mas também seus familiares e a sociedade em geral.

Segundo o site Msn.com (2021), estatísticas do ligue 180 e disque 100 lançadas no mês de março de 2021 mostraram que no ano de 2020 foram recebidas mais de 105.000 denúncias de violência contra a mulher, o que equivale a uma média de 290 casos por dia. Do número total registrado, 72% eram sobre violência doméstica contra a mulher, sendo esse termo entendido como o ato ou omissão que provoque dano, sofrimento físico, sexual, psicológico, danos morais, patrimoniais ou até mesmo a morte da vítima. Neste sentido, Silva, Coelho e Caponi (2007) destacam e complementam que a violência psicológica pode muitas vezes também evoluir para uma agressão física.

Conforme Labronici et al. (2010), a violência é frequentemente acometida em mulheres solteiras com baixa escolaridade e que 24,6% delas sofrem violência física, 24,6% violência psicológica e 14,22% sofrem violência estrutural. Essa violência era praticada principalmente pelos companheiros, e um dos motivos da permanência desta mulher no convívio de violência foi o desejo de que a família ficasse junta. Outro fator que colabora para esta permanência no ambiente agressivo, de acordo com Silva, Coelho e Caponi (2007), é que a violência psicológica dificilmente é identificada pela vítima por serem associados a fatores emocionais agravados, como por exemplo: o álcool, a perda de um emprego, problemas com os filhos, perda de familiares, entre outros.

Na pesquisa feita por Paiva et al. (2017), foi verificado que as pessoas que demonstram terem baixa autoestima tendem a ter uma aceitação maior em permanecer em relacionamentos abusivos, e geralmente, a maioria das vítimas de violência conjugal tem sua autopercepção desvalorizada, possui o sentimento de insuficiência, não se veem como alguém digna de direitos e valores, e tendem a ter problemas em suas relações com questões sobre a intimidade e sexualidade. Por esta razão, Pereira et al. (2018) falam da necessidade de que nesses casos as mulheres tenham uma rede de apoio, para ajudá-las a perceber as razões que

elas têm para se retirar desse ciclo ou até mesmo permanecer nele, e assim conseguir tomar uma decisão que lhe traga segurança.

Compreendendo o Termo “Violência Doméstica”

A violência doméstica é um tema bastante discutido na atualidade, mas que só foi denunciado pela primeira vez por volta dos anos 60 e 70 pelo movimento feminista da época. Segundo Azevedo e Guerra (2001), foi a literatura feminista quem criou o termo violência doméstica, pois tinham como objetivo mostrar a luta das mulheres com relação à violência que sofriam no seu cotidiano no ambiente familiar.

O termo violência é trazido por Carneiro e Freire (2015) como um comportamento de dominância que traz danos seja físico, psíquico ou emocional a outra pessoa. Em complemento a isto, Cruz e Irfi (2019), trazem que o bem-estar e a saúde de uma mulher que sofreu com algum tipo de violência são inferiores aos de outra pessoa que nunca foram submetidas a este tipo de situação. Ainda como eles relatam, a saúde de um indivíduo depende da sua condição mental, física e social. Neste sentido, é muito importante trazer à tona o assunto, tendo em vista que é um tema de relevância social, pois se não combatido, pode tomar proporções não imaginadas, mas de grandes consequências.

Carneiro e Freire (2015), relatam ainda que existe diferença entre a violência doméstica física e a violência doméstica psicológica, sendo que a primeira é caracterizada por atitudes de agressão corporal; enquanto, na segunda, não é necessário ter tido contato físico, mas envolve palavras, gestos e até mesmo, olhares que causem algum dano ou medo à vítima. Paiva, Cavalcanti e Lima (2020) ainda ressaltam que a violência psicológica pode causar consequências tão devastadoras quanto a violência física, podendo ocasionar prejuízos na cognição e nos afetos dessas mulheres, gerando um controle excessivo na vida das mesmas por conta desse tipo de abuso.

As Maiores Vítimas desse Tipo de Violência

Diniz e Angelim (2003), trazem em seu estudo que a violência doméstica tem uma dimensão de gênero. Ela ocorre num contexto social patriarcal onde a mulher ainda é vista como inferior ao homem, sendo assim a violência doméstica e os estigmas associados a ela muitas vezes impedem que mulheres procurem ajuda. Complementando esta ideia, Guimarães, Diniz e Angelim (2017), discorrem que na ideologia do patriarcado, a mulher tem

a necessidade de muitas vezes esquecer de si mesma para priorizar o cuidado aos filhos e marido, se inclinando então, a sentir-se obrigada a suportar tudo para manterem suas famílias unidas, até mesmo a violência.

Ainda como traz Diniz e Angelim (2003), a maioria das vezes são mulheres, ou a parte mais frágil da relação que são vítimas de violência doméstica. Eles citam que a criança mesmo que não sofra a violência, ao presenciar este ato entre os pais, inicia um processo de aprendizado de violência, em que pode ou não reproduzir futuramente. Condizente a isso, Balbuena (2011) relata em seu estudo, que existem casos de violência doméstica em que as vítimas têm histórico de vivenciar um ambiente agressivo na infância e isto faz com que elas, mesmo de forma inconsciente, tendam a permanecerem em situações violentas dentro de casa.

Segundo Guimarães et al. (2017), a violência muitas vezes resulta no agravo do sofrimento mental relatado pela diminuição da autoestima, e é considerado pelos profissionais como silencioso. Essa violência velada é dada como uma construção sociocultural e desigual entre os gêneros, tendo em vista a cultura de valores que considera a mulher como submissa ao homem, e com a naturalização de algumas mulheres de aceitar essa cultura faz com que não reconheçam os atos violentos sofrido pelos seus companheiros.

Cruz e Irffi (2019), complementam ainda que na grande maioria das vezes, as mulheres que sofrem violência doméstica tendem a desresponsabilizar o agressor dos seus atos, colocando a culpa da agressão em fatores externos como o álcool, estresse no trabalho, entre outros. Dentre as razões que fazem com que as mulheres que sofrem violência doméstica continuem com os agressores, podem estar a dependência emocional e financeira, a falta de apoio social, além de sentimento de desamparo e preocupação com os filhos. Outro fator que pode colaborar para esta permanência, está o sentimento de obrigação que as mulheres carregam de manter um lar estruturado, segundo uma família nuclear e de referência (Brito, Eulálio e Júnior, 2020).

Consequências da Violência Doméstica

A abordagem sobre violência doméstica faz-se de grande necessidade, pois é um tema de bastante relevância na sociedade, tendo em vista que diariamente milhares de mulheres em todo o mundo são vítimas de algum tipo de violência seja ela física, psicológica ou até mesmo de abusos, chegando em alguns casos a serem vítimas também de feminicídio em situações mais extremas. Brito, Eulálio e Júnior (2020), trazem em seu estudo que 35% das mulheres no Brasil sofrem ou já sofreram algum tipo de violência, seja física ou psicológica.

Neste sentido, Pereira et al. (2018) relatam que na maioria das vezes a mulher que sofre algum tipo de violência doméstica já passou anteriormente por alguma situação violenta e isso conseqüentemente faz com que ela se sujeite com maior facilidade a este tipo de violência. Essa forma de agressão deve ser combatida e para isso é necessário que a população tome maior consciência sobre o que é a violência contra a mulher e como ela pode interferir negativamente na vida das pessoas que convivem com isto, pois, assim como trazem Cruz e Irffi (2019), a mulher que sofre violência por parte de um parceiro íntimo tende a ter sua percepção de saúde distorcida.

Considerando que a agressão contra a mulher tem efeitos de curto, médio e longo prazo, e pode gerar conseqüências físicas e emocionais, tanto para a vítima quanto para quem testemunha os atos violentos, a violência doméstica afeta toda a família e pode fazer com que a mulher passe a ter sua autoimagem e seu valor próprio distorcido. Diante disso, Balbuena (2011) fala sobre a importância de um apoio social, para que as vítimas se sintam fortalecidas no processo de retomada da autoestima e independência.

Metodologia

O presente estudo se trata de uma revisão sistemática, possuindo natureza básica, com uma abordagem qualitativa e quantitativa, tendo o objetivo exploratório. Os bancos de dados e portais eletrônicos de livre acesso escolhidos para realização da pesquisa foram o Portal Capes e Pepsic. A busca foi realizada em outubro de 2021 e os descritores utilizados foram: “violência”, “autoestima” e “violência doméstica”.

Em seguida foram analisados os artigos que se adequavam aos critérios de inclusão, sendo esses, um tempo de busca apropriado de 10 anos, tendo a população-alvo como mulheres que estejam ou passaram por algum relacionamento abusivo ou violência doméstica, revisão por pares e idioma português. Na etapa de análise dos artigos que passaram pelos critérios de inclusão, foi aplicado como método de exclusão, artigos de revisão sistemática, livros, artigos de acesso restrito, tempo de busca maior que 10 anos, artigos que não apresentavam o tema em sua análise e artigos em outros idiomas.

Resultados

Os resultados das informações obtidas neste estudo foram coletados através da junção de alguns artigos da literatura brasileira que tem como temas a autoestima e sua relação com a

violência doméstica e relacionamentos abusivos. Ao fazer a busca no Portal Capes com os descritores “violência doméstica” and “autoestima”, foram encontrados inicialmente 1,319 artigos. Após colocar o filtro de revisão por pares restaram 897, quando escolhidos apenas aqueles textos que eram artigos ficaram 890, filtrado os textos publicados nos últimos 10 anos restaram 673, após selecionar unicamente os artigos em português restaram 200, tendo excluído alguns pelo título e resumo restaram 23, nove foram descartados pois eram de revisão sistemática e 10 artigos foram eliminados pois eram de acesso restrito, restando assim apenas quatro artigos para inclusão neste estudo.

Já no banco de dados do Pepsic foram utilizados os descritores “violência” and “autoestima” e com isto foram encontrados inicialmente 15 artigos. Desse total, nove foram descartados pelo título, dois foram excluídos, pois estavam em outro idioma e um que era de revisão sistemática, assim restaram apenas três artigos para inclusão neste trabalho. Portanto, após feita a busca nos dois bancos de dados referidos, foi possível obter um total de sete artigos para a composição do presente estudo, assim como mostra a figura 1.

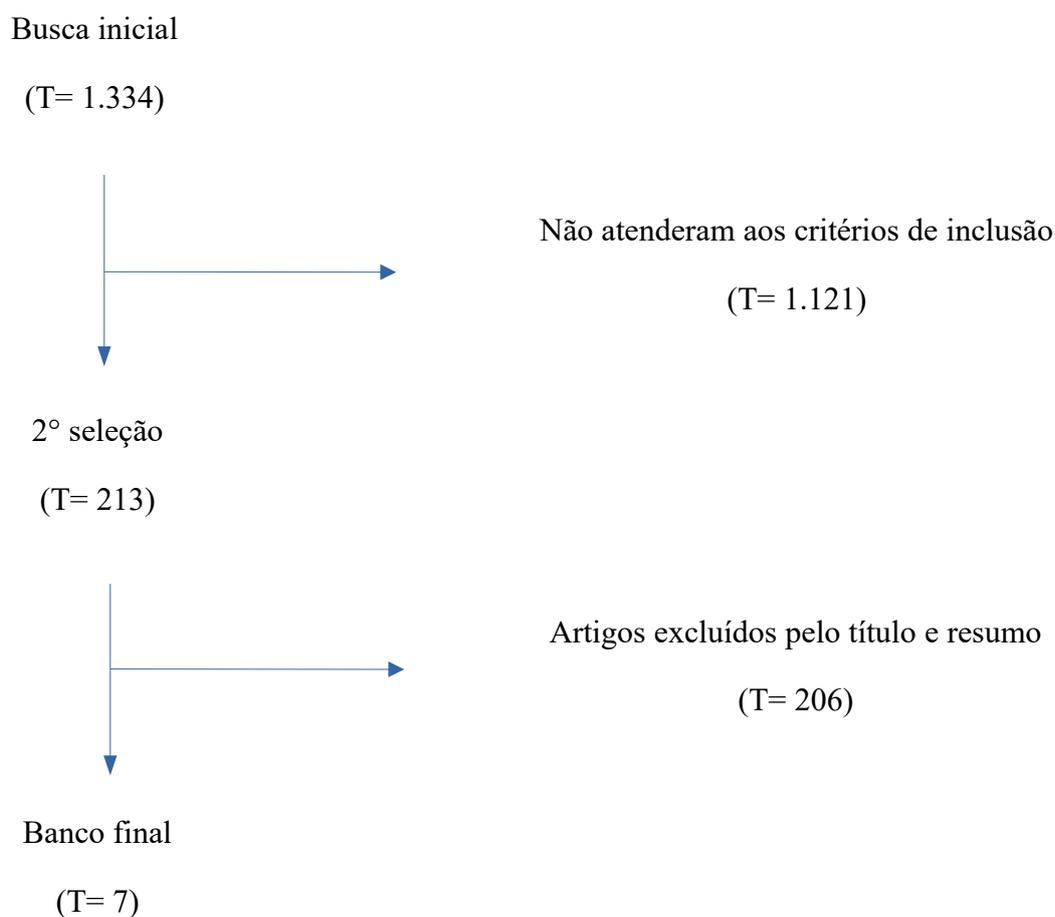


Figura 1. Fluxograma da seleção dos artigos.

Tabela 1. Informações referentes aos estudos empíricos analisados.

Artigo	Referência	Objetivo do estudo	Participantes	Principais resultados
Qual o efeito da violência contra a mulher brasileira na autopercepção da saúde?	Cruz e Irffi (2019)	Analisar o efeito da violência contra a mulher na autopercepção da saúde.	Mulheres com idade entre 20 e 49 anos, considerando as informações da Pesquisa Nacional de Saúde de 2013.	Os resultados trazidos pelo artigo indicaram que mulheres que sofreram algum tipo de violência no decorrer da vida, seja por um conhecido ou desconhecido, tende a ter sua percepção de saúde (física e mental) mais direcionada para ruim ou regular, do que mulheres que não sofreram nenhum tipo de violência.
“Mas ele diz que me ama...”: duplo-vínculo e nomeação da violência conjugal	Guimarães, Diniz e Angelim (2017)	Discutir a aplicação da Teoria do Duplo-vínculo ao contexto da violência conjugal.	20 mulheres em situação de violência conjugal	Os resultados alcançados neste estudo é de que a Teoria de Duplo-vínculo pode ser de grande eficácia no rompimento de relacionamentos abusivos e de casos de violência conjugal, pois assim como é trazido no texto, em quase todos os relacionamentos que existem violência há também a presença de um paradoxo entre o que se é dito pelo agressor e suas atitudes. A TDV faz com que essas mulheres que sofrem com um relacionamento abusivo, seja capaz de refletir sobre sua situação e perceber a real violência vivida todos os dias.
Propriedades psicométricas de uma medida de abuso psicológico na parceira	Paiva, Cavalcanti e Lima (2020)	Reunir evidências de validade da Escala de Abuso Psicológico na Parceira (EAP-P) em mulheres brasileiras.	O estudo foi dividido em dois. No primeiro participaram 303 mulheres e no segundo participaram 380 mulheres.	Os resultados obtidos através deste estudo é que a EAP-P é um instrumento de avaliação de violência psicológica que possui alto grau de confiabilidade, e que pode ser de grande ajuda para medir o nível do dano psicológico sofrido pela mulher nesta situação.
A presença de transtorno mental comum em mulheres em situação de violência doméstica	Brito, Eulálio e Júnior (2020)	Averiguar a presença de Transtorno Mental Comum (TMC) em mulheres em situação de violência doméstica.	30 mulheres com média de 35 anos de idade, em situação de violência doméstica, atendidas em um Centro de Referência da Mulher em	Os resultados alcançados através deste artigo é que ao responder o instrumento SRQ-20 a maioria das mulheres apresentaram sinais do Transtorno Mental Comum, e que também os sintomas relatados por elas eram compatíveis ao de transtorno de ansiedade e depressão. Diante disso, foi possível concluir que a violência doméstica afeta de forma negativa

			uma cidade do Nordeste brasileiro.	na saúde mental dessas mulheres causando prejuízos na sua vida cotidiana pois afeta na sua autoestima e na forma como se sentem capazes de lidar com os problemas.
Impacto na autoestima de mulheres em situação de violência doméstica atendidas em campina grande, brasil	Guimarães et al. (2018)	Investigar qual o impacto na autoestima de mulheres vítimas de violência.	11 mulheres atendidas da delegacia da mulher do Município de Campina Grande, Brasil.	Os resultados obtidos através desta pesquisa, foram que todas as mulheres participantes, apresentaram autoestima rebaixada e problemas de saúde seja mental ou física, resultante da violência vivida no seu ambiente familiar.
Investigação sobre atendimento psicossocial oferecido em delegacias de defesa da mulher	Balbuena (2011)	Trazer formas mais eficazes de promover a saúde física e mental de mulheres que sofreram violência doméstica.	6 pessoas, funcionários de Delegacias de Defesa da Mulher, e outras instituições, responsáveis pelo atendimento direto às vítimas de violência.	Os resultados captados por este estudo é de que mesmo em locais próprios para atendimento das vítimas de violência doméstica, não há uma estrutura que realmente atenda a necessidade integral de uma mulher que apresenta uma desordem emocional por conta da violência sofrida. Diante disso, a autora fala ainda sobre a necessidade de um atendimento psicossocial nessas delegacias e locais de acolhimento dessas vítimas
Violência conjugal e suas relações com autoestima, personalidade e satisfação com a vida	Paiva et al. (2017)	Verificar a relação das formas de legitimações da violência conjugal com a autoestima, satisfação com a vida e personalidade.	305 respondentes da população geral, 63% do sexo feminino, com idade entre 18 e 62 anos, residentes da Paraíba.	Os resultados encontrados através desta pesquisa são que a autoestima e a personalidade têm ligação direta na crença de legitimações da violência, podendo influenciar tanto de forma negativa quanto positiva em casos de violência doméstica. Neste sentido, o estudo traz que indivíduos com maior autoestima tendem a não concordar com essas crenças e conseqüentemente conseguem evitar situações de violência em suas vidas ou romper com relacionamentos abusivos de forma mais rápida do que quem não possui uma boa autoestima

Discussão

O objetivo deste estudo foi verificar como a autoestima pode colaborar na prevenção de casos de violência doméstica e relacionamentos abusivos, e analisar quais são os níveis de autoestima de mulheres que sofrem ou sofreram com este tipo de violência no seu cotidiano. Através desta busca, foi possível perceber que a maioria das mulheres que responderam às pesquisas dos textos avaliados, demonstraram baixo nível de autoestima e grande dependência ao seu agressor. Em contrapartida, nos casos das mulheres que já haviam conseguido romper com esses laços amorosos, foi relatado que o que mais colaborou para esse processo de libertação foi a retomada da autoestima e do sentimento de capacidade que lhes foram atribuídos.

Cruz e Irfi (2019), trazem em seu estudo que grande parte das mulheres que sofreram algum tipo de violência durante a vida, tendem a ter sua autopercepção de saúde, tanto física quanto mental, mais rebaixada do que mulheres que nunca sofreram nenhum tipo de violência. Neste sentido, Paiva, Cavalcanti e Lima (2020) descrevem que pelo que foi possível observar com os resultados do instrumento EAP-P, a maioria das mulheres participantes da pesquisa, sofriam com violência psicológica pelo parceiro. Através deste instrumento é possível verificar qual o nível do dano causado por esta violência na vida das mulheres e como isto pode afetar nas diversas áreas de sua vida, como, por exemplo, na autoestima, relacionamentos interpessoais, possível desenvolvimento de uma depressão, entre outros.

Já no estudo de Brito, Eulálio e Júnior (2020) verifica-se que dentre as participantes de sua pesquisa, a maioria apresentou sinais de TMC, sendo os sintomas parecidos também com o de transtorno de ansiedade e depressão. Foi possível concluir com este texto, que a violência doméstica pode afetar negativamente a saúde mental dessas mulheres, acarretando diversos problemas à sua vida cotidiana pois altera sua percepção da autoestima e da capacidade de lidar com as diversas situações que podem surgir. Ainda neste sentido, Guimarães et al. (2018) trazem que todas as mulheres que participaram de sua pesquisa, apresentaram baixo nível de autoestima, maior propensão a desenvolver algum tipo de transtorno mental como por exemplo a depressão, e ainda, problemas de saúde, sejam de ordem psíquica ou física.

Em complemento a isto, Guimarães, Diniz e Angelim (2017), desenvolvem em seu artigo que a grande maioria das mulheres que vivem em um relacionamento abusivo tendem a não o perceber como tal, devido à dualidade entre a fala e o comportamento do agressor. Diante disso, o texto traz que a Teoria do Duplo vínculo é de grande eficácia para casos de

peessoas que sofrem violência, pois ajuda essas vítimas a terem um pensamento mais crítico e uma melhora da autoestima que as fazem conseguir romper com laços amorosos ruins.

Com o texto de Paiva et al. (2017) compreende-se que a autoestima e a personalidade possuem ligação direta com as crenças de legitimação da violência, podendo influenciar de forma positiva ou negativa em casos de violência doméstica. Neste sentido, o estudo traz que indivíduos com maior autoestima tendem a não concordar com essas crenças e conseqüentemente conseguem evitar situações de violência em suas vidas ou romper com relacionamentos abusivos de forma mais rápida do que quem não possui uma boa autoestima.

Em contrapartida, Balbuena (2011) relata em seu artigo que dentro da pesquisa realizada por ela, foi possível perceber que mesmo em locais próprios de atendimento à vítima de violência doméstica, não há uma estrutura de profissionais nas instituições que seja capaz de lidar com as desordens emocionais causadas nas mulheres que sofrem este tipo de abuso. Neste sentido, a autora fala sobre a grande necessidade de em delegacias de apoio às mulheres vítimas de violência, tenha um atendimento psicossocial que busque não apenas registrar mais um boletim, mas sim, fazer o acolhimento e escuta dessa vítima para que ela se sinta realmente apoiada em seu sofrimento.

Portanto, o que foi possível concluir e relacionar com a análise de todos os textos escolhidos é que em quase todos os casos de violência doméstica tratados, as mulheres possuíam uma autoestima baixa, dependência emocional ou financeira por seus agressores e, em muitos dos casos, estavam desempregadas ou possuíam uma renda muito baixa, o que de alguma forma as tornavam realmente dependente e por conseqüência se viam obrigadas a se manterem naquele ambiente.

Desta forma, este artigo visa tratar sobre este tema fazendo dele um assunto mais conhecido para que assim a sociedade tenha acesso à informação, conseguindo sempre que possível prevenir novos casos de violência doméstica e ajudar as vítimas que passam ou passaram por isto em algum momento da vida. Neste sentido, vê-se a necessidade do fortalecimento da autoestima de mulheres vítimas de agressão, pois será por meio dela que elas conseguirão se fortalecer e se sentirem mais capazes para mudar o rumo de suas vidas.

Considerações Finais

Diante do que foi exposto no decorrer deste estudo, é possível perceber que casos de violência doméstica e relacionamentos abusivos são assuntos tratados há muitos anos e que continuam sendo atuais, pois infelizmente ainda há milhares de pessoas que sofrem desse tipo

de violência. Guimarães, Diniz e Angelim (2017), elucidam que um dos fatores que contribuem para que as mulheres que sofrem de violência doméstica continuem nesse tipo de relacionamento é o fato de se sentirem obrigadas a lidar com o problema familiar sozinhas e ainda pelo medo do julgamento de terceiros.

Portanto, diante de tudo o que foi dito é possível entender o papel crucial da autoestima no processo de “libertação” dessas mulheres e da importância de um acompanhamento psicoterápico. Pois através do autoconhecimento é possível que alcancem o empoderamento novamente, sendo capazes de serem autoras de suas próprias histórias, inclusive no aspecto financeiro, passando por um processo de resgate de sua autoestima e conseguindo tomar melhores decisões em suas vidas, convivendo com o seu meio social de forma mais saudável (Brito, Eulálio & Júnior, 2020).

A última consideração a ser feita sobre o tema é de que há a necessidade de pesquisas e dissertações posteriores para continuar no avanço e exploração sobre o assunto, para que seja possível, alcançar cada vez mais pessoas, tornando-as mais interessadas sobre o tema da violência doméstica e formas para prevenir e lutar contra ela, pois mesmo sendo um assunto atual ainda há muito o que se estudar.

Referências

- Azevedo, M. A., & Guerra, V. N. D. A. (2001). *Violência psicológica doméstica: vozes da juventude*. São Paulo: Laci-Laboratório de Estudos da Criança/PSA/IPUSP.
- Balbuena, B. (2011). Investigação sobre atendimento psicossocial oferecido em delegacias de defesa da mulher. *Psicólogo informação*, 15(15), 69-82.
- Carneiro, R. S., & Freire, R. (2015). Um estudo da relação entre violência psicológica e autoestima. *Conexões Psi*, 3(1), 34-48.
- Cruz, M. S., & Irffi, G. (2019). Qual o efeito da violência contra a mulher brasileira na autopercepção da saúde?. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24, 2531-2542. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018247.23162017>.
- de Souza Brito, J. C., do Carmo Eulálio, M., & da Silva Júnior, E. G. (2020). A Presença de Transtorno Mental Comum em Mulheres em Situação de Violência Doméstica. *Contextos Clínicos*, 13(1), 198-220. <https://doi.org/10.4013/ctc.2020.131.10>.
- de Souza Pereira, D. C., Camargo, V. S., & Aoyama, P. C. N. (2018). Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 20(2), 10-25. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v20i2.1026>.
- Diniz, G. R. S., & Angelim, F. P. (2003). Violência doméstica. *Revista de Psicologia da UNESP*, 2(1), 16-16.
- Guimarães, F. L., Diniz, G. R. S., & Angelim, F. P. (2017). " Mas ele diz que me ama...": duplo-vínculo e nomeação da violência conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3346>.
- Guimarães, R. C. S., Soares, M. C. D. S., Santos, R. C. D., Moura, J. P., Freire, T. V. V., & Dias, M. D. (2018). Impacto na autoestima de mulheres em situação de violência doméstica atendidas em Campina Grande, Brasil. *Revista Cuidarte*, 9(1), 1988-1997. <https://doi.org/10.15649/cuidarte.v9i1.438>.
- Labronici, L. M., Ferraz, M. I. R., Trigueiro, T. H., & Fegadoli, D. (2010). Perfil da violência contra mulheres atendidas na Pousada de Maria. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 44, 126-133. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342010000100018>.
- Paiva, T. T., Pimentel, C. E., & Moura, G. B. D. (2017). Violência conjugal e suas relações com autoestima, personalidade e satisfação com a vida. *Gerai: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 10(2), 215-227.
- Paiva, T. T., Calvacante, J. G., & Lima, K. S. (2020). Propriedades Psicométricas de uma Medida de Abuso Psicológico na Parceira. *Revista Colombiana de Psicología*, 29(1),

45-59. <https://doi.org/10.15446/rcp.v29n1.72599>.

Silva, L. L. D., Coelho, E. B. S., & Caponi, S. N. C. D. (2007). Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação, 11*, 93-103.